

Patrícia Novoa expõe novidades em projeto de biblioteca high-tech

Patrícia Novoa
por Carla Machado

Ideia principal é promover leitura por meio dos tablets



Paulo Baretta

Quando se pensa na palavra biblioteca, a primeira imagem que se forma na mente é uma enorme sala, com muitas prateleiras dispostas por todo o ambiente, onde são abrigados milhares de livros. Esta cena que há tanto tempo perdura, principalmente para os mais velhos, pode estar com seus dias contados. Pelo menos é o que espera a arquiteta de móveis **Patrícia Novoa**, que desenvolveu para a 25ª edição da Casa Cor São Paulo a “Biblioteca do Ator”.

Inspirada no ator Felipe Folgosi, e após realizar um longo estudo sobre a transformação na forma do ser humano de fazer leitura, Patrícia percebeu a importância do novo brinquedo tecnológico que tem conquistado milhares de pessoas no mundo inteiro, o tablet, e pensou em um projeto ousado que propõe uma transição entre a televisão e o novo equipamento, ou melhor, a junção das duas tecnologias, o que resulta em tablets gigantes para leitura.

Em entrevista ao Shopping News, a profissional, que iniciou sua carreira em escritórios renomados de São Paulo, como Botti Rubin, e que participa pela segunda vez da mostra de decoração, falou sobre seu ingresso na arquitetura, os impactos da alta tecnologia no cotidiano das pessoas, e sobre seu projeto, para o qual afirma ter escolhido o tablet porque “é um marco no nosso modo de leitura”. Acompanhe.

Como foi seu ingresso no segmento da arquitetura?

Arquitetura é algo que está presente desde a minha infância. Quando era criança, ganhava bonecas, mas não me interessava. Eu queria lápis de cor, queria mexer com formas. Nunca tive dúvida de que na arquitetura seria a minha carreira. Quando ingressei na faculdade, logo no primeiro ano, fui fazer estágio no escritório Botti Rubin, conceituado em São Paulo. Iniciei em uma área muito técnica, onde desenvolvíamos projetos de edifícios. Nos anos seguintes passei por outros grandes escritórios da cidade, e trabalhei com renomados arquitetos que admiro, como o Mauro Munhoz e o Edu Rocha. Em um determinado momento recebi uma

proposta para desenvolver o projeto de um prédio e desde então iniciei as atividades com meu escritório. No decorrer do tempo os trabalhos começaram a tender mais para os projetos de design interior. Há cinco anos estou nessa área, na qual desenvolvo também projetos de construção.

Comente esta experiência de trabalhar em renomados escritórios.

Na ocasião em que trabalhei com eles, desejava conhecer bem o segmento da arquitetura para depois trabalhar sozinha. Queria conhecer profundamente todas as áreas para depois optar por aquele que viria a ser o meu foco. Nesses momentos trabalhei com eventos, coordenei a Festa Literária Internacional de Parati [Flip], além de projetos residenciais e de edifícios. No momento em que optei pela carreira solo, foi possível determinar com maior facilidade. Agora estou focada naquilo de que eu mais gosto: design de interiores.

Qual é a diferença entre trabalhar no setor de design de interiores e na projeção e construção de edificações?

Por incrível que pareça, no raciocínio do arquiteto não tem muita diferença, porque o que vai mudar é a dimensão — mas o processo é muito parecido, que é fazer um estudo, junto ao cliente, verificar o que precisa, e coordenar a obra. O projeto de interiores tem o mesmo grau de responsabilidade de um prédio. Lógico que o projeto de um edifício é um caderno de mil folhas de plantas, enquanto que um residencial, às vezes, conta com cem. Mas o raciocínio do arquiteto é muito parecido. Em razão desse meu histórico, vejo o projeto de interiores de forma bem mais técnica. Até não gosto muito de ser chamada de decoradora: o que faço é arquitetura mesmo. O arquiteto pode e tem a autorização de quebrar uma parede, mudar a tubulação de hidráulica; um decorador, não.

Como frequentadora do Salão Internacional de Milão, qual a avaliação que faz deste evento internacional?

Vou anualmente. Acredito que é uma maneira de o arquiteto estar conectado no que está por vir. Não é só ir e ver estandes e marcas específicas. Estar e vivenciar o evento, por vezes nem se percebe, mas é uma forma de colocar na mente cores, formas e materiais que serão usados. É importante que os profissionais visitem, mas se não for possível, é preciso acompanhar de longe, já que é tão fácil por meio da Internet.

Qual é a relação que você faz entre o Salão de Milão e a Casa Cor?

Creio que a tendência é a Casa Cor ficar cada vez mais próxima da importância que tem o Salão de Milão. Tenho uma pequena participação no evento, mas acredito que a cada edição ela vai virar a primeira referência mundial.

Como ingressou na Casa Cor?

Tive a oportunidade de fazer um projeto em Miami. Ocorreu um envolvimento tão grande que quase me mudei para lá. Quando voltei, na época da crise mundial, pensei que precisava reingressar a todo vapor no mercado — foi quando surgiu a oportunidade de fazer a “Suíte da Menina” a convite da Cris Ferraz, em 2009, meu primeiro ano no evento, um projeto que tem repercussão até hoje. E participar da Casa Cor tem sido uma experiência que adoro.

O que pontua como mais importante na mostra deste ano?

Creio que o mais importante é a oportunidade do profissional de expressar com total liberdade aquilo em que ele acredita, de que gosta, e que quer mostrar. Aqui não temos um cliente: somos nosso próprio cliente. Posso fazer meus projetos e explorar a criatividade.

Como a mostra interfere na vida dos profissionais e dos apreciadores de decoração?

A Casa Cor tem prazos, limites de construção, entrega de diversos fornecedores, e por isso é preciso ter organização e saber planejar bem a obra, caso contrário o projeto não sai. Com tudo isso, o profissional adquire uma certa experiência para lidar com situações que exigem mais pressão. O evento não deixa de ser um exercício para afinar a equipe, desenvolver novas parcerias, entre outros aspectos com os quais o arquiteto sai ganhando.

Qual a relação que existe entre o tema qualidade de vida e a arquitetura e decoração?

Qualidade de vida tem tudo a ver com a personalidade de quem está me contratando. Não faço um projeto sobre as coisas em que acredito, faço de acordo com o perfil da pessoa que vai utilizar aquele espaço. Isso é qualidade de vida: é viver bem de acordo com as necessidades de cada família.

A Casa Cor deste ano tem foco na tecnologia. Qual a associação deste tema com qualidade de vida?

A tecnologia, especificamente no espaço que criei para a Casa Cor, está a favor da sustentabilidade. A tecnologia é para facilitar as coisas, mas também é uma forma de fazer economia. Nesse projeto, explorei o cordão de LED. Com isso é possível ter um controle de temperatura no espaço, o que evita o uso do ar condicionado, por exemplo. É a tecnologia aliada ao meio ambiente. A pessoa faz uma economia pessoal de energia, e contribui com o planeta. Se todos começarem a adotar este conceito não vai haver desperdício. Temos a tecnologia, mas precisamos saber usá-la. Não se pode extrapolar. Tecnologia e sustentabilidade, os dois temas da mostra, estão sempre juntos.

Mas como interligar estes temas em um ambiente residencial?

É preciso ter limites e consciência para usá-los dentro de casa ou do escritório, porque isso vai contribuir com o planeta. Estamos realmente passando por um processo de conscientização no qual há um alerta de que precisamos evitar descontrole de lixo e desperdício de papel, entre outros, porque isso afeta diretamente os recursos da natureza. Essa consciência de saber usar corretamente a tecnologia é um grão de areia dentro de uma praia. Se cada um fizer um pouco a ideia se propagará e poderemos cuidar melhor do planeta.

Qual foi sua inspiração para criar a "Biblioteca do Ator"?

Minha inspiração foi o Felipe Folgosi, um ator jovem, envolvido com arte, música e esportes. Por isso esse projeto é bem singular. Como disse anteriormente, faço um estudo sobre as preferências e o perfil do meu cliente para não desenvolver um ambiente genérico.

Fale mais sobre este ambiente.

Realizei um estudo de como o hábito da leitura se transformou nos últimos anos. A tendência é lermos revistas, jornais, e livros, entre outros, pelos tablets. No projeto proponho levar o mesmo conceito dos tablets às telas de televisor, o que resulta em tablets gigantes. O projeto possui dois televisores nos quais passam textos distintos. Eles estão inseridas em um móvel desenvolvido por mim a que chamo de Home Library, que, além de ser a luminária do ambiente, também é uma mesa lateral para o sofá, e serve como um banco. Neste caso trabalho com o conceito de multifuncionalidade. O diferencial do projeto é que pensei em uma biblioteca com poucos livros. A pessoa poderá ler por meio das telas, o que na verdade é uma transição entre a televisão e o tablet.

Por que você optou pelo tablet como protagonista do projeto?

O tablet é um marco no nosso modo de leitura. Faço uma comparação com o passado, quando todos usávamos as fitas cassete que foram substituídas pelo CD. Sempre dá a sensação de que vamos continuar com os dois, mas o mercado para de fabricar, e quando percebemos estamos usando uma nova tecnologia. Acredito que é exatamente isso que estamos passando

neste momento. Por esta razão o projeto possui poucos livros, que também é uma proposta sustentável, que gera menor derrubada de árvores por ser menor o número de livros. A principal idéia do projeto é a leitura por meio dos tablets.

Na sua visão este conceito de alta tecnologia nos projetos residenciais poderá ser um marco para o futuro?

Acredito que sim, porque a tecnologia, na maioria das vezes, está aliada a economia de energia, e a melhor controle de temperatura: isso abrange todos os tipos de construção, e diferentes grupos de pessoas.

Quais são os cuidados que se devem ter quando se pensa em um projeto de alta tecnologia?

O cuidado principal é não superdimensionar, incluir muitos equipamentos e não fazer o correto uso de tudo. Ter uma tecnologia com um grande investimento desnecessário, e não usá-la acaba tendo o efeito inverso. O ideal é fazer um estudo antes de iniciar o projeto, ter tudo planejado de forma bem dimensionada.

Você acredita que o Brasil está preparado para essa revolução tecnológica?

Muito preparado. Pode até parecer um chavão, mas sinto que o Brasil é o país do futuro. Percebo, nas viagens que faço, como tem sido diferente a receptividade. O País possui empresas e pessoas ótimas. Tem tudo para ser um país que vai crescer cada vez mais em termos de tecnologia.

Seu projeto poderia ser implantado em uma biblioteca coletiva?

Acredito que sim. Seria necessário um estudo aprofundado, levando em consideração o número de usuários. Isso tem a ver com a dimensão da tela. Uma boa ideia seria fazer três salas para cerca de 50 pessoas. Em vez de ter telas de 32 polegadas, usaríamos telas de 52, na vertical. Isso seria uma boa maneira de incentivar a leitura, já que principalmente as crianças ficam muito encantadas com esses novos recursos. As pessoas se afastam dos livros, e a leitura é a melhor maneira de exercitar a mente a imaginação. Independentemente da ferramenta que se usar, nenhum outro recurso é melhor do que a leitura. E as novas tecnologias podem ser uma forma de estimular as pessoas para esse exercício.

Este conceito de casa inteligente tende a conquistar pessoas?

Este projeto que desenvolvi especialmente para a Casa Cor é um projeto jovem, moderno e masculino. Mas percebo que o interesse pelas novas tecnologias está presente em diversas gerações. Isso abrange todas as idades, com certeza.

Como é trabalhar na arquitetura com esse processo de transformação tecnológica?

É preciso estar sempre atento às novas tendências. É preciso usar as tecnologias que estão de acordo com o estilo de vida de cada indivíduo.

Defina o que é ser arquiteta.

Na minha opinião, é uma missão. Eu não poderia ser outra coisa que não arquiteta. Sinto que o papel do arquiteto mexe de maneira impactante na vida das pessoas. Por vezes, é alguém que vai casar, e contrata os nossos serviços para montar um novo apartamento. Ou precisa de um quarto novo porque vai chegar uma nova criança na família. Na minha visão bem particular, a minha é uma profissão que traz muitas alegrias porque está sempre aliada a momentos de mudança, especialmente para melhor.

Fonte: DCI, São Paulo, 27 maio 2011, Shopping News, p. 6-7.